

A ESTRUTURA DO TEXTO ARTÍSTICO EM LILA RIPOLL

Artistic Text Structure in Lila Ripoll

Ivani Calvano Gonçalves*

Resumo: Este trabalho pretende analisar o universo poético de Lila Ripoll mediante a teoria semiótica de Iuri Lotman. Essa teoria abrangente permite a compreensão de variadas expressões artísticas, enquanto expressões artísticas singulares, e as inumeráveis relações entre elas. A análise semiótica representa um profundo entendimento da literatura, à medida que torna possível observar que os signos lingüísticos que compõem o compacto universo lírico do sujeito poético expressam suas mais profundas e sufocantes sensações e sentimentos.

Palavras-Chave: Poesia-Semiótica-Poema como construção

Abstract: This paper intends to analyze Lila Ripoll's poetic universe through Iuri Lotman's semiotic theory. This ample theory permits the comprehension of different artistic expressions as singular artistic works and the several interactions among them. The semiotic analysis represents a deep literary understanding because it is possible to see the singular linguistic signs that composes a compact lyric world where the speaker expresses deep and suffocating sensations and feelings.

Key-Words: Poetry-Semiotic-Poem as construction

Murmúrio...

Lila Ripoll

Murmúrio de água distante,
caindo na pedra fria,
batendo em meu coração.

Choro afogado nos olhos
e vertido num suspiro
que o peito mal concedeu...

* Mestre em Letras com ênfase em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	-------------	------	------	---------------	-------

Pudor de trazer aos lábios
palavras que, proferidas,
desvendariam segredos.

E tranqüilos pensamentos
brotando estranhos na boca
rebelde para pedir.

Calada melancolia
feita de sol e de sombra
para enredar meu destino

Nas veias fogo correndo,
nos olhos a leve bruma
que nem chuva pode ser...

Iuri Lotman (1978) afirma que a análise estruturalista semiótica privilegia a semantização do texto poético por entendê-lo como o resultado da sobreposição de diferentes camadas. Desse modo, é possível perceber que os signos lingüísticos, combinado a tantos outros signos, institui uma simulação do mundo real que se concretiza literariamente. O processo, eminentemente dialético, opera uma rede de combinações e oposições entre o nível da linguagem natural e o nível do conteúdo (relativo aos elementos extratextuais), num jogo que conduz à “transcodificação” (LOTMAN, 1978:93) do texto poético em seus diversos planos; essa “multiplanaridade” (LOTMAN, 1978:117) possibilita ao leitor a apreensão da função estética do texto, dadas suas propriedades de portador de uma linguagem desautomatizada que transgride o código da linguagem natural.

1ª estrofe

Mur – mú – rio – de á – gua – dis – tan – (te)

1 2 3 4 5 6 7

ca – in – do – na – pe – dra – fri – (a)

1 2 3 4 5 6 7

ba – ten – do em – meu – co – ra – ção

1 2 3 4 5 6 7

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	----------------	------	------	------------------	-------

2ª estrofe

Cho – ro a – fo – ga – do – nos – o – (lhos)

1 2 3 4 5 6 7

e - ver – ti – do – num – sus – pi – (ro)

1 2 3 4 5 6 7

3ª estrofe

Pu – dor – de – tra – zer – aos – lá – (bios)

1 2 3 4 5 6 7

pa – la – vras – que – pro – fe – ri – (das)

1 2 3 4 5 6 7

des – ven – da – ri – am – se – gre – (dos)

1 2 3 4 5 6 7

4ª estrofe

E - tran – qüi – los – pen – sa – men – (tos)

1 2 3 4 5 6 7

bro – tan – do es – tra – nhos – na – bo – (ca)

1 2 3 4 5 6 7

re – bel – de – pa – ra – pe – dir

1 2 3 4 5 6 7

5ª estrofe

Ca – la – da – me – lan – co – li – (a)

1 2 3 4 5 6 7

fei – ta – de – sol – e – de – som – (bra)

1 2 3 4 5 6 7

pa – ra en – re – dar – meu – des – ti – (no)

1 2 3 4 5 6 7

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	----------------	------	------	------------------	-------

6ª estrofe

Nas – vei – as – fo – go – cor – ren – (do)

1 2 3 4 5 6 7

nos – o – lhos – a – le – ve – bru – (ma)

1 2 3 4 5 6 7

que – nem – chu – va – po – de – ser

1 2 3 4 5 6 7

A escansão dos versos revela uma construção poética regular, resultante da distribuição dos seis tercetos em redondilha maior, o que confere ao poema um compasso melodioso e marcado, bem como uma flexibilidade que se adapta perfeitamente as suas necessidades rítmicas. Atendo-nos aos níveis sugeridos por Lotman, percebemos que no nível rímico há rimas assonantes em choro, fogo, água, rebelde, calada, para. De acordo com José Lemos Monteiro (2005:183-184), no nível rímico há uma extensa gama de recursos sonoros que denotam a musicalidade dos versos através de “sensações auditivas, cinéticas e tácteis” produzidas no leitor. São eles:

As aliterações nas consoantes oclusivas surdas t, p e c nos vocábulos: batendo, distante, peito, trazer, tranqüilos, pensamentos, brotando, estranhos, vertidos, destino, caindo, coração, concedeu, boca, calada, melancolia, pedra, pudor, palavras, proferidas, para, pode. Note-se que a ocorrência das consoantes provocam sensações auditivas que remetem a ruídos ou sons abafados, instituindo o tom de lamento que o sujeito poético deseja expressar. A presença do t é associada a sons secos e violentos ou percussões que denotam o estado de permanência em que se encontra o sujeito poético (batendo, peito, brotando). O p, por sua vez, evoca ruídos abafados e pesados (suspiro, pudor, peito). O c remete-nos a ruídos e sentimentos que se prolongam no poema (caindo, calada melancolia).

As aliterações nas consoantes oclusivas sonoras b, d e s nos vocábulos: batendo, pudor, lábios, proferidas, desvendariam, segredos, brotando, boca, rebelde, sombra, bruma, distante, olhos, suspiro, palavras, tranqüilos, pensamentos, estranhos, veias, ser, afogado, revelam a angústia que oprime o peito do sujeito poético e perpassa o

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	-------------	------	------	---------------	-------

texto do início ao fim. Tal sentimento de duração é corroborado pela presença da consoante constritiva fricativa surda f nos vocábulos “fria, afogado, proferidas, feita, fogo.” As constritivas fricativas sonoras v e z nos vocábulos “vertido, palavras, desvendariam, veias, trazer,” indicam algo que escapou às mãos do sujeito poético num passado não determinado e que continua a refletir em seu presente na forma de sibilos prolongados que o atormentam.

A constritiva lateral sonora l, ou consoante líquida, associa-se à constritiva vibrante sonora r, provocando sensações cinéticas e tácteis expressadas nos vocábulos murmúrio, pedra, coração, choro, vertido, Pudor, trazer, palavras, proferidas, brotando, estranhos, sombra, desvendariam, pedir, bruma, enredar, correndo, frias, ser, mal, lábios, tranqüilos, rebelde, calada, melancolia, leve, no sentido de demonstrar leveza e ao mesmo tempo aspereza, como fica tão bem demonstrado em versos como “calada melancolia e palavras que, proferidas, desvendariam segredos.” As nasais sonoras m e n nos vocábulos murmúrio, distante, caindo, batendo, em, num, concedeu, desvendariam, tranqüilos, pensamentos, brotando, melancolia, sombra, enredar, destino, correndo, nem, mal, Nas, evidenciam a depressão do sujeito poético que se anuncia em forma de sussurros ou gemidos, posto que não consegue externá-la.

As assonâncias nas vogais a, e, i, o e u: Murmúrio, água, distante, caindo, pedra, fria, batendo, coração, choro, afogado, olhos, vertido, suspiro, peito, concedeu, Pudor, lábios, palavras, proferidas, desvendariam, segredos, tranqüilos, pensamentos, brotando, estranhos, boca, rebelde, calada, melancolia, sombra, destino, fogo, olhos, leve, bruma, chuva. A vogal a denota a imensidão do sofrimento que parece estender-se ao infinito, a vogal i (a exemplo do vocábulo “fria”) intensifica a agudez desse sentimento que, finalmente se mostra indissipável na presença da vogal u, demonstrando que a realidade se mostra completamente sombria aos olhos do sujeito poético, enclausurando-o em sua melancolia.

Até aqui já é possível perceber, com uma escuta mais cuidadosa, o quanto a utilização dos recursos sonoros da aliteração e da assonância contribuem para a configuração do estado de alma de um sujeito poético que sofre tão intensamente e em silêncio a ponto de sua dor converter-se em “calada melancolia, cuja boca rebelde para pedir mantém o choro afogado nos olhos,” impossibilitando-o de expressar seus sentimentos. Tem-se, ainda, no nível fonológico a presença de

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	-------------	------	------	---------------	-------

outros recursos sonoros que redundam na intensificação do sofrimento que o sujeito poético mantém sufocado. São eles:

*os dígrafos em ch, nh, lh, br, rr, qu nos vocábulos: choro, chuva, estranhos, olhos, bruma, correndo, que;

*os dígrafos nasalizadores am, an, in, em, on e en nos vocábulos: desvendariam, distante, tranqüilos, brotando, melancolia, caindo, batendo, enredar, correndo, pensamentos, concedeu;

*os encontros consonantais em dr, tr, vr, rm, nt, nd, nc, sp, sv, gr, ns, ld, ns, br, nr, gr e st nos vocábulos: pedra, trazer, palavras, murmúrio, distante, caindo, batendo, brotando, correndo, concedeu, suspiro, desvendariam, segredos, tranqüilos, estranhos, pensamentos, rebelde, melancolia, sombra, enredar, destino.

O nível gramatical, que coexiste com os níveis rímico e rítmico, também contribui para semantização do poema através da utilização de substantivos a adjetivos, da forma como se vê abaixo:

Os substantivos em relação de sinonímia: “murmúrio/suspiro, lábios/boca, coração/peito,” auxiliam a visualizar mentalmente as condições anímicas do sujeito poético, posto que esses órgãos estão diretamente relacionados aos sentimentos que devem ser ocultados, por razões que não são explicitadas, mesmo por que o interesse da mensagem veiculada é o sentimento em si e a forma como ele é experienciado no universo lírico.

Os substantivos em relação de antinomia: “bruma/chuva, choro/suspiro, sol/sombra, fogo/chuva, palavras/segredos,” evidenciam a conotação antitética dos versos, ao dar ênfase ao movimento pendular que o estado de alma do sujeito poético reflete, colocando-o numa situação limítrofe entre o silenciar e o dar vazão a seu desespero.

A relação substantivo-adjetivo nas expressões “Murmúrio de água distante, pedra fria, tranqüilos pensamentos, boca rebelde, calada melancolia, choro afogado, leve bruma,” por sua carga semântica, aprofunda ainda mais a angústia do sujeito poético que tem de suportar em completa solidão um pesar renitente que, sendo “Murmúrio de água distante,” teima com a “boca rebelde” que intenta

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	----------------	------	------	------------------	-------

proferir algumas palavras mas sucumbe em forma de uma “leve bruma que nem chuva pode ser.”

Ainda no âmbito do nível gramatical, faz-se necessário analisar a construção sintática das estrofes, haja vista a relevância desses elementos para a construção da significação do texto poético de Lila Ripoll. A primeira estrofe – uma oração coordenada assindética – contém dois verbos no gerúndio (“caindo” e “batendo”) que anunciam um estado de sofrimento iniciado no passado ecoando no presente de um sujeito poético que se revela e afirma sua subjetividade por meio do pronome possessivo “meu.” Carregada de melancolia, a estrofe introduz o tema que o título do poema apenas anuncia. A segunda estrofe – uma oração mista, coordenada aditiva e subordinada substantiva - evidencia através dos verbos no particípio passado (afogado e vertido) a permanência do sofrimento contido, pois sua dor transborda num “suspiro que o peito mal concedeu...” O verbo no pretérito perfeito (“concedeu”) indica uma ação ocorrida somente uma vez e concluída no passado, ou seja, não há mais possibilidade de desabafar a mágoa que permanece no estado de espírito do sujeito poético que reflete sobre sua condição, prolongando a emoção sufocada, conforme indicam as reticências colocadas no último verso.

A terceira estrofe – uma oração subordinada substantiva apositiva – traz no segundo verso uma cesura separando o particípio passado “proferidas” que nos remete às palavras que o sujeito poético tenta sufocar, caso contrário “desvendariam segredos.” O verbo no futuro do pretérito – “desvendariam,” denota a impossibilidade do sujeito poético extravasar sua emoção, tendo em vista que estas ocultam segredos que devem ser preservados, mesmo à custa de muito sofrimento. A quarta estrofe – uma oração coordenada sindética introduzida pela anáfora em “E,” dá continuidade à estrofe anterior, acrescentando que os “tranqüilos pensamentos” convivem com a “boca rebelde para pedir.” Instaura-se, assim, uma antítese gerada pelo descompasso do sujeito poético em relação à ambivalência de sua disposição anímica. Na quinta estrofe – uma oração coordenada assindética – o sujeito poético adjectiva sua melancolia, denominando-a de “calada, feita de sol e de sombra.” Essa última expressão – um adjunto adverbial, intensifica e corrobora o tom antitético do poema pelo uso de substantivos em relação de antinomia (sol e sombra), os quais evidenciam as ondulações emocionais do sujeito poético.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	----------------	------	------	------------------	-------

A sexta e última estrofe – uma oração mista, coordenada assindética e subordinada adjetiva explicativa, encerra o poema acentuando o lamento do sujeito poético que, mais uma vez, expõe o paroxismo de sua condição interior nos versos “Nas veias fogo correndo e nos olhos a leve bruma que nem chuva pode ser.” A repetição das reticências no verso final do poema (a exemplo do último verso da segunda estrofe), mantém vivo o sofrimento do sujeito poético, indicando não só a sua continuidade como também a impossibilidade de amenizá-lo, pois este é “leve bruma que nem chuva pode ser.”

No plano semântico, o poema é dividido em duas partes de três estrofes cada uma: a primeira parte corresponde à introdução – decorrente do título – por meio da qual o sujeito poético discorre sobre sua tristeza. A segunda parte, iniciada na quarta estrofe, estabelece oposições (tranquilos pensamentos/boca rebelde para pedir) que contrastam com a timidez, com o pudor de trazer aos lábios, verificado nos versos introdutórios, a exemplo de “Choro afogado nos olhos, Pudor de trazer aos lábios e desvendariam segredos.” Esse conjunto de elementos sonoros, rítmicos, gramaticais e semânticos justapostos sem que um prepondere sobre o outro corrobora a proposição de Lotman que entende o texto artístico-literário como uma rede de informações e oposições que conduz à transcodificação interna (operada no plano intratextual) e a transcodificação externa (operada no nível das relações dos elementos intratextuais com o contexto histórico-social); dessa cadeia de relações surge uma mensagem complexa que só poder ser decodificada através da identificação de seus diversos planos (e de como estes se relacionam), os quais fazem da linguagem poética uma linguagem motivada e não previsível que potencializa o valor semântico dos vocábulos, atribuindo ao texto sua função poética, presente na capacidade de plurissignificar a realidade nele configurada.

Os recursos sonoros apresentados integram um número relativamente pequeno de palavras que, dadas as possibilidades de transfiguração da realidade operadas através da junção desses elementos gráficos e fonológico, revelam uma linguagem altamente diferida, manifesta abundantemente na lírica de Ripoll, graças às suas peculiaridades subjetivas e do não distanciamento do sujeito poético em relação ao tema, posto que ele próprio é o sujeito do mundo interior configurado. Segundo Lotman, (1978:187-235 e 269-312) a

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	-------------	------	------	---------------	-------

construção do universo poético se dá pelo uso do “princípio da repetição” nos níveis fonológico e rítmico, do “princípio de segmentação do verso”, das “repetições gramaticais” e no entendimento do verso como “unidade semântica” portadora de uma energia muito particular que o afasta da linguagem da prosa. Nesse sentido:

[...] Na medida em que todo o texto se forma enquanto reunião combinatória de um número limitado de elementos, a presença de repetições é aí inevitável. (1978:189). [...] o aparelho das repetições põe em relevo este ou aquele som na poesia (e em geral no texto artístico) e não o põe em relevo na relação lingüística quotidiana. (1978:191). [...] A existência de sistemas entoacionais próprios unicamente do verso permite falar da melodia do discurso poético. É por isso que se tem a impressão – e esta está fortemente espalhada – de que dois elementos *independentes* estão presentes no verso: o semântico e o melódico, um deles identificando-se com uma causa primeira racional, o outro com uma emocional. [...] (LOTMAN, 1978:211, grifo do autor).

Percebe-se claramente no poema de Lila Ripoll que a significação é alcançada por meio de um vocabulário cuidadosamente selecionado que trabalha em prol de um estado de espírito configurado mediante a utilização precisa de vocábulos, fonemas, imagens e antíteses que dão a medida perfeita à mensagem veiculada. O compasso do poema acompanha a lentidão com que o sujeito vive a sua dor e tal fenômeno estilístico advém da exata aplicação da gramática e da sintaxe, ou seja, dos elementos racionais em favor da ativação de sensações e sentimentos que por meio destes se impõe. A causa ou causas do sofrimento - não explicitadas no texto, não são relevantes para a compreensão do poema, visto que o fulcro temático é a emoção suficientemente intensa e forte para correr como um rio caudaloso, mas que por motivos que ao leitor são vedados conhecer são apenas vertidos *num suspiro*. Todavia, o sentimento que o sujeito

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	----------------	------	------	------------------	-------

poético traz escondido transborda através de repetições sonoras e gráficas, circunscrevendo a unidade poemática a um microuniverso afetivo fortemente segmentado em seis estrofes. E aqui reside a grande diferença entre a prosa e a poesia: aquela tem condições de expandir-se, trabalhando com idéias que são colocadas seqüencialmente ao longo do texto de forma linear ou não; a segunda condensa uma idéia central no espaço segmentado do poema, utilizando-se da combinação e da justaposição nos níveis gramatical, sintático e semântico, potencializando tais recursos lingüísticos com vistas a retirar do mínimo de vocabulário o máximo de expressão dos mais variados temas inerentes à condição humana.

REFERÊNCIAS

- LOTMAN, Iuri (1978). **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa. Texto mimeografado.
- MONTEIRO, José Lemos (2005). **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. Petrópolis: Vozes.
- RIPOLL, Lila. Por quê? In: **Obra Completa**. Alice Campos Moreira (Org., 1998). Porto Alegre: IEL: Movimento. Texto Mimeografado, p. 106.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	39-48
------	----------------	------	------	------------------	-------